

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

BEATRIZ DE SOUZA PAULINO

**NOS RISCOS DA PEDAGOGIA: UMA NARRATIVA ENTRE A
(AUTO)BIOGRAFIA E O AUTORRETRATO**

SOROCABA

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

BEATRIZ DE SOUZA PAULINO

**NOS RISCOS DA PEDAGOGIA: UMA NARRATIVA ENTRE A
(AUTO)BIOGRAFIA E O AUTORRETRATO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título/grau de licenciada em Pedagogia.

Orientação: Prof.^a Dr^a Maria Walburga dos Santos

Coorientação: Prof.^o M.e Rafael Romeiro Doin

SOROCABA

2024

Souza Paulino, Beatriz de

Nos riscos da pedagogia: uma narrativa entre a
(auto)biografia e o autorretrato / Beatriz de Souza
Paulino -- 2024.

72f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Maria Walburga dos Santos

Banca Examinadora: Lúcia Maria Salgado dos Santos

Lombardi, Priscila Leonel de Medeiros Pereira

Bibliografia

1. Autorretrato. 2. Experiência. 3. Autobiografia. I. Souza
Paulino, Beatriz de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB

Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780

Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 4/2024/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

BEATRIZ DE SOUZA PAULINO

NOS RISCOS DA PEDAGOGIA: UMA NARRATIVA ENTRE A (AUTO)BIOGRAFIA E O AUTORRETRATO

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 6 de fevereiro de 2024

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientador	Prof. ^a Dr. ^a Maria Walburga dos Santos
Membro da Banca 1	Prof. ^a Dr. ^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Membro da Banca 2	Prof. ^a Dr. ^a Priscila Leonel de Medeiros Pereira



Documento assinado eletronicamente por **Maria Walburga dos Santos, Professor(a) Efetivo(a)**, em 06/02/2024, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Professor(a)**, em 15/02/2024, às 05:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1331527** e o código CRC **103A9CBB**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.001383/2024-57

SEI nº 1331527

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

DocuSigned by:

452D039416D5421...

Prof.^a Dr.^a Priscila Leonel de Medeiros Pereira

Se você vier

Pro que der e vier

Comigo

Eu lhe prometo o sol

Dia branco – Geraldo Azevedo

Agradecimentos

Eu agradeço de todo coração a todo mundo que me aguentou falando sobre esse trabalho, e, principalmente que aguentou esses anos todos me vendo rabiscar e mostrar "o desenho mais importante da minha vida" várias e várias vezes cada vez mais importante.

Agradeço à Dri e a Cris, que fizeram de mim a irmã mais inteligente, que me deram o melhor chacoalhão que eu já precisei e não me deixaram largar mão da pedagogia.

A todo corpo docente da Universidade Federal de São Carlos em Sorocaba que me acolheu muito bem desde o primeiro dia de aula, em especial três mulheres que marcaram meu caminho no *Campus*: Lucia Lombardi, que tão gentilmente me mostrou, na primeira aula de Pesquisas e Práticas Pedagógicas, que meu sobrenome era de artista – meu primeiro contato com Rosana Paulino – e que na pedagogia, também, eu poderia ser artista. Priscila Leonel, que em tão pouco tempo me fez entender que meu corpinho (e me deixou chamá-lo de corpinho com intimidade) é meu, mas que precisa ver o mundo e me incentivou a fazer a primeira versão deste texto na sua aula.

E a Maria Walburga, que com um convite para um café mostrou toda gentileza e doçura que a UFSCar podia proporcionar para uma caloura perdida como eu, e que, me vendo perder as esperanças não desistiu de mim, nem quando eu mesma já tinha desistido.

Agradeço também ao Rafael Doin, querido Rafa, que se mostrou um amigo nessa empreitada, que me pediu para voltar a razão, parar para pensar - por favor - em flexibilidade e amor.

Sem as amigadas da graduação também, nada disso seria possível e, ainda bem que são tantas que se nomeasse todas aqui, não haveria páginas o bastante, mas o Ícaro tem um pedaço bem generoso nesse papel, desde a primeira viagem de ônibus, e por todas as outras que se seguiram. Sobre as muitas vezes que tive que ser colocada no eixo, principalmente pela Betabara que, gentilmente, me lembrou que tudo ia dar certo, e que eu deveria ouvi-la mais, já que ela é mais legal que os meus traumas. Luana Nogueira, muito

obrigada por fazer todos os estágios mais dançantes e felizes, por se fantasiar comigo todos os dias para enfrentar bruxas e dragões.

Agradeço ao Danilo Oliveira, psicólogo que acompanhou todas as quebras e atravessamentos deste trabalho, que me acolheu todas as vezes que eu não sabia o que fazer e fez mais listas de tarefas junto comigo do que eu poderia imaginar.

Maria Luiza e Julinha Soares, cada qual em um momento da vida, me fizeram entender que meu lugar era entre papéis, riscantes e crianças, principalmente como comentarista de desenho animado. Muito obrigada por não me deixarem sair dos trilhos na e da escola.

Isso tudo (meu TCC, meu corpinho, minha existência) não sairia do papel se não fosse por mamãe e papai, Terezinha e Cândido, dois trabalhadores que desde cedo me mostraram o que é o amor: pelas coisas, pela vida, por mim mesma. Muito obrigada, por tudo.

PAULINO, Beatriz de Souza. **Nos riscos da pedagogia**: Uma narrativa entre a (auto)biografia e o autorretrato. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2024.

RESUMO

O problema principal do presente estudo é investigar como as experiências e as vivências de uma pessoa, quando registradas em forma de autorretrato, podem influenciar a construção da imagem corporal. Para responder a esta questão me debrucei sobre meus próprios autorretratos que vêm sendo feitos desde 2016, antes de entrar na graduação e observar o quanto a minha visão sobre mim e o meu corpo mudaram durante esse tempo e como me desenhar ajudou nas mudanças da imagem corporal, me baseando em outras artistas que também refletiam suas vidas em gravuras, como Frida Khalo; e como praticar esse olhar para o próprio corpo desde a educação infantil é importante e respaldado pela lei. A importância do curso de pedagogia enquanto espaço formativo também fica evidente nesta narrativa visto que traçou muitas das experiências transformadoras que embasam esta pesquisa, as referências teóricas, estéticas e éticas transformaram este corpo desde 2018, sendo possível, por meio dos registros imagéticos presentes aqui, comparar e identificar os pontos de ruptura e remendo nos fios da minha experiência. Este trabalho se constituiu como uma pesquisa bibliográfica qualitativa com um caráter narrativo autobiográfico que acarretou alguns pontos de reflexão, sendo eles: o saber de experiência; o autorretrato como registro; a imagem corporal; influência de violências sociais ao corpo.

Palavras-chave: Autorretrato; Experiência, Autobiografia.

PAULINO, Beatriz de Souza. **In the Risks of Pedagogy**: A Narrative Between (Auto)biography and Self-Portrait. 2024. Undergraduate Thesis (Bachelor's in Pedagogy) – Federal University of São Carlos, Sorocaba Campus. Sorocaba, 2024.

ABSTRACT

The main problem of the present study is to investigate how a person's experiences and life events, when recorded in the form of a self-portrait, can influence the construction of body image. To answer this question, I delved into my own self-portraits that have been created since 2016, before entering undergraduate studies, observing how my perception of myself and my body has changed over time and how drawing myself has contributed to these changes in body image. I drew inspiration from other artists, such as Frida Kahlo, who also reflected their lives in prints. Additionally, I explored the importance of cultivating a positive self-perception from early childhood, emphasizing that this is supported by law. The significance of the pedagogy course as a formative space is evident in this narrative, as it shaped many transformative experiences that underpin this research. The theoretical, aesthetic, and ethical references have transformed my perspective since 2018, and through the visual records presented here, it is possible to compare and identify the points of rupture and mending in the threads of my experience. This work is constituted as a qualitative bibliographical research with an autobiographical narrative character that led to some points of reflection, including: the knowledge derived from experience; self-portrait as a record; body image; and the influence of social violence on the body.

Keywords: Self-portrait; Experience; Autobiography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- página inicial do caderno 13 – 2022.....	15
Figura 2- autorretrato - caderno 5 – 2018	17
Figura 3- Meu primeiro autorretrato pensado como autorretrato – 2016.....	19
Figura 4 - Autorretrato, enquanto observava as minhas marcas de sol durante a pandemia quando voltava do trabalho andando para evitar o ônibus - caderno 9 - 2020	20
Figura 5- Abertura do caderno 10 – 2021.....	29
Figura 6 - Anotações do VI Simpósio de Arte Afro Brasileira – caderno 15 - 2023	31
Figura 7- Anotações do VI Simpósio de Arte Afro Brasileira – caderno 15 - 2023	32
Figura 8 - Anotações ilustradas sobre a palestra com Kiusam de Oliveira na UFSCar Sorocaba – caderno 13 - 2022.....	33
Figura 9 - Ilustrações sobre a frustração da alta demanda da universidade - caderno 6 – 2019	35
Figura 10- Autorretrato sobre dúvida – caderno 11 - 2022	37
Figura 11 - Ilustração sobre dias difíceis - caderno 12 – 2022	38
Figura 12 - Registros diários ilustrados – cadernos 12 e 8 - 2022 e 2020	41
Figura 13- Autorretrato – caderno 8 - 2020	42
Figura 14 - Estudo de expressões faciais com autorretrato - caderno 3 – 2017	43
Figura 15 - Autorretrato com vestido de veludo - Frida Khalo – 1926	45
Figura 16 - Autorretrato sobre tristeza - caderno 6 - 2018.....	46
Figura 17- Autorretrato sobre ansiedade - caderno 6 - 2019.....	47
Figura 18- Visões sobre meu corpo - caderno 1 - 2016	49
Figura 19 - Reflexões sobre o meu corpo - caderno 14 - 2023	50
Figura 20 - Autorretrato com colagem - caderno 5 - 2018.....	51
Figura 21- Reflexões e observações sobre características do meu corpo - cadernos 8, 10 e 12 - 2019 até 2022.....	52
Figura 22 - Questionamentos sobre meu estilo pessoal - caderno 3 - 2018	53
Figura 23 - Estudos de cor e forma com foto autoral como referência – cadernos 12 e 6.....	55

Figura 24 - Capa da Revista Capricho - ed. dez/2016 e autorretrato de dez/2016 – caderno 2.....	56
Figura 25 - Autorretratos em vários estilos e várias poses - caderno 7 – 2019	57
Figura 26 – Texto traduzido "nós não acreditamos no que está na TV" - Caderno 3 - 2017	63
Figura 27 - pagina final do caderno 13 - 2023.....	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Repositório Internacional UFSCar – Autorretrato.....	25
Tabela 2 - Repositório Internacional UFSCar - Autobiografia	26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 MEMORIAL.....	17
2. METODOLOGIA.....	23
2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	24
3. RECORTES AUTOBIOGRÁFICOS E A EXPERIÊNCIA	29
3.1 DIFERENÇA ENTRE INFORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA.....	30
4. O AUTORRETRATO COMO REGISTRO DO SENSÍVEL	41
4.1 CONCEITUAÇÃO E CONTEXTO.....	41
4.2 FRIDA KHALO E SUAS EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADAS EM ARTE	43
4.3 CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO CORPO PELA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL.....	53
4.4 O QUE VEM A SER A IMAGEM CORPORAL?.....	53
5. A INFÂNCIA COMO LAR DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	59
5.1 REFORÇOS PARA O SABER DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FORMAL.....	59
5.2 DESENVOLVIMENTO DE PRINCÍPIOS ÉTICOS E ESTÉTICOS.....	60
6. OLHAR PARA SI É COLOCAR-SE NOS HOLOFOTES DA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA	63
6.1 GENTILEZA E SENSIBILIZAÇÃO.....	64
7. VIVER É PARTIR, VOLTAR E REPARTIR	67
REFERÊNCIAS.....	69
REFERÊNCIAS MUSICAIS.....	71

Vem, quero te mostrar
O caminho que vais percorrer em mim
Vem, que o caminho vai
Ser regido pelo afeto que há em nós

Famoso Amor – ÀVUÁ

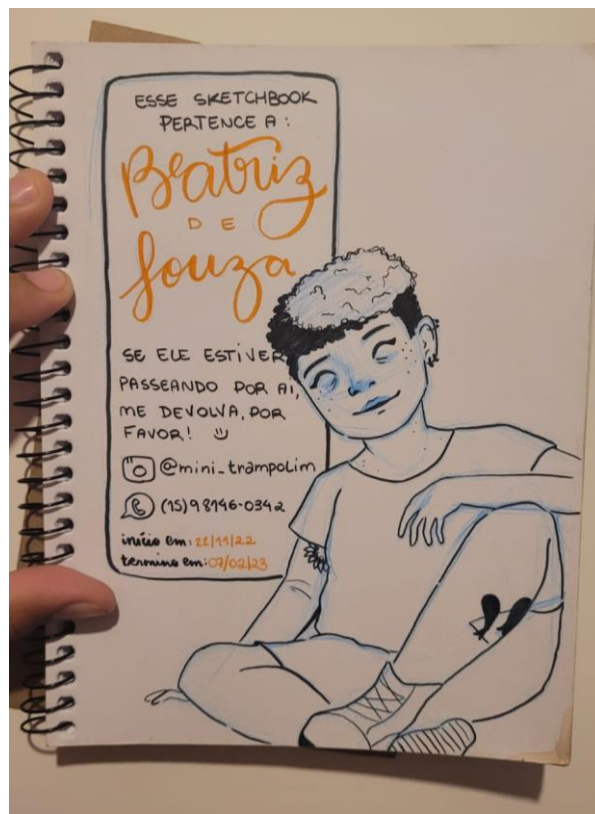


Figura 1- página inicial do caderno 13 – 2022

1. INTRODUÇÃO

Pensar em um trabalho para concluir o ciclo da graduação me fez refletir sobre todo o processo, desde o início do curso, até os dias atuais e, sem dúvidas, todos os atravessamentos enfrentados deixaram marcas em quem eu sou, tanto em personalidade, na maneira de ver o mundo, quanto fisicamente.

As pessoas que conheci, as situações que me tocaram, as músicas, as exposições, as fotografias, conversas e desafios foram, sem dúvida, cada uma a seu modo, partes importantes da construção de quem hoje aqui escreve e ter no desenho uma forma de registrar toda essa passagem pela pedagogia e pela vida adulta, não seria honrado meu tema ser outro a não ser a linguagem do desenho como registro de experiências e forma de marcar a passagem e a história de sujeitos e suas transformações através do tempo e determinadas situações, principalmente pensar na construção de um sentido de si com base na experiência com o outro e do outro.

De uma forma bem autocentrada é mais fácil me debruçar sobre meus próprios registros gráficos e tecer uma reflexão sobre os temas de construção de autoimagem, padrões estéticos, registros históricos e representatividade. Obviamente que esta escrita não vai, e nem tem a pretensão de ser um guia de amor-próprio e aceitação baseado em desenhar a si mesmo várias e várias vezes, mas compreender como parar para se observar e observar qual sentido o próprio corpo tem no mundo, faz com que nós olhemos com mais ternura para este corpo e entendermos um pouco melhor aquilo que nos faz tão diferentes do padrão universal de ser humano.

Dessa forma, ao observar meus registros e desenhos e o uso do Autorretrato como exercício de sensibilização na formação de uma imagem de si mesmo no mundo surge como uma temática constante durante todo o processo de identificação de atravessamentos do mundo, seja a relação harmônica com outras pessoas, seja com o contato com desigualdades de gênero e raça.

Guiada pela prática dos anos que se passaram e por acreditar que se uma imagem vale mais do que mil palavras, uma música deve valer por mais ou menos umas quinhentas, juntamente com imagens proponho a leitura acompanhada da sonoridade das músicas selecionadas ao critério de fazer sentido com cada tema a ser tratado, visto que muitas vezes não me faltaram desenhos, mas palavras constantemente somem da tentativa de exprimir para fora do pensamento o que o corpo sente.

Este trabalho de conclusão de curso vai retomar, principalmente as experiências vividas durante o curso de pedagogia da UFSCar Sorocaba, o que arrisquei, os riscos que tracei e a linha de pensamento na qual se constrói este trabalho se organiza em cinco capítulos, a tratar do saber de experiência segundo Jorge L. Bondía e Jota Mombaça, seguindo para a conceituação do autorretrato e exemplos da obra e vida de Frida Khalo. Em um terceiro momento a infância é posta como abrigo das primeiras experiências justificando a aplicação da prática de autorretrato na escola e, seguindo, é citada a sensibilização ao construir uma imagem corporal para explicar os efeitos de fazer autorretratos.



Figura 2- autorretrato - caderno 5 – 2018

1.1 MEMORIAL

*Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus
Ou vestidos de lunetas
Passado, presente
Participo sendo o mistério do planeta*

Mistério do Planeta – Novos Baianos

Eu sei bem quando comecei a desenhar. Eu via meu pai trabalhando em projetos arquitetônicos quando eu era bem pequena e ficava do lado dele. Ele me dava alguns lápis, alguma folha de rascunho e me deixava entretida no chão de madeira do quarto, que na época ainda era um escritório. Minha história com desenho começa no sentido da conexão, no entrelace do tempo que eu passava com meu pai, naquilo que nos aproximava.

Ao passar dos anos, escrever tomou o lugar da gravura principalmente dentro da escola e por muito tempo não pensei muito nas possibilidades do desenho como registro ou uma forma de contar as minhas próprias histórias, tanto que durante grande parte da minha infância minhas gravuras ficaram restritas ao caderno brochura usado na sala de aula.

Entre crescer e ter que me encaixar na pior fase possível já criada para a tortura humana na face da terra, o ensino médio, foi na conversa com algumas colegas que um grande atravessamento mudou a minha vida: desenhar não precisava ficar restrito nas margens da minha apostila e, dessa forma, surgem as primeiras experiências de desenho como um exercício. Óbvio que os interesses demoraram mais um pouco para se estabilizar, essa primeira “fase” foi como um bebê dando seus primeiros passos, identificando, testando o solo e tropeçando entre técnicas, canetas e materiais emprestados.

Gostei de desenhar rostos, principalmente de desconhecidos na internet mas nenhum ficava parecido a ponto de ficar satisfatório. Comecei a usar a justificativa de que eu me conhecia mais que ninguém então seria mais fácil me desenhar. Tomei um dia só para o evento, andei a cidade toda em busca de um papel pardo que fosse da minha cor, que aguentasse aquarela, risquei, medi, tirei foto de referência, fiz pose, passei o dia inteiro numa mesinha de vidro fazendo a minha obra mais fiel me reproduzindo pintinha por pintinha! Cheguei na escola com minha folha com minha obra prima a minha imagem e semelhança, orgulhosa de ter feito um espelho e, quando pedi opiniões, tudo que recebi foi um “mas essa não é você! Você não tem esse cabelo assim, nem nunca te vi desse jeito.”.

Minha cara foi para o chão. Se eu não era aquela do desenho para os outros, quem então eu era?

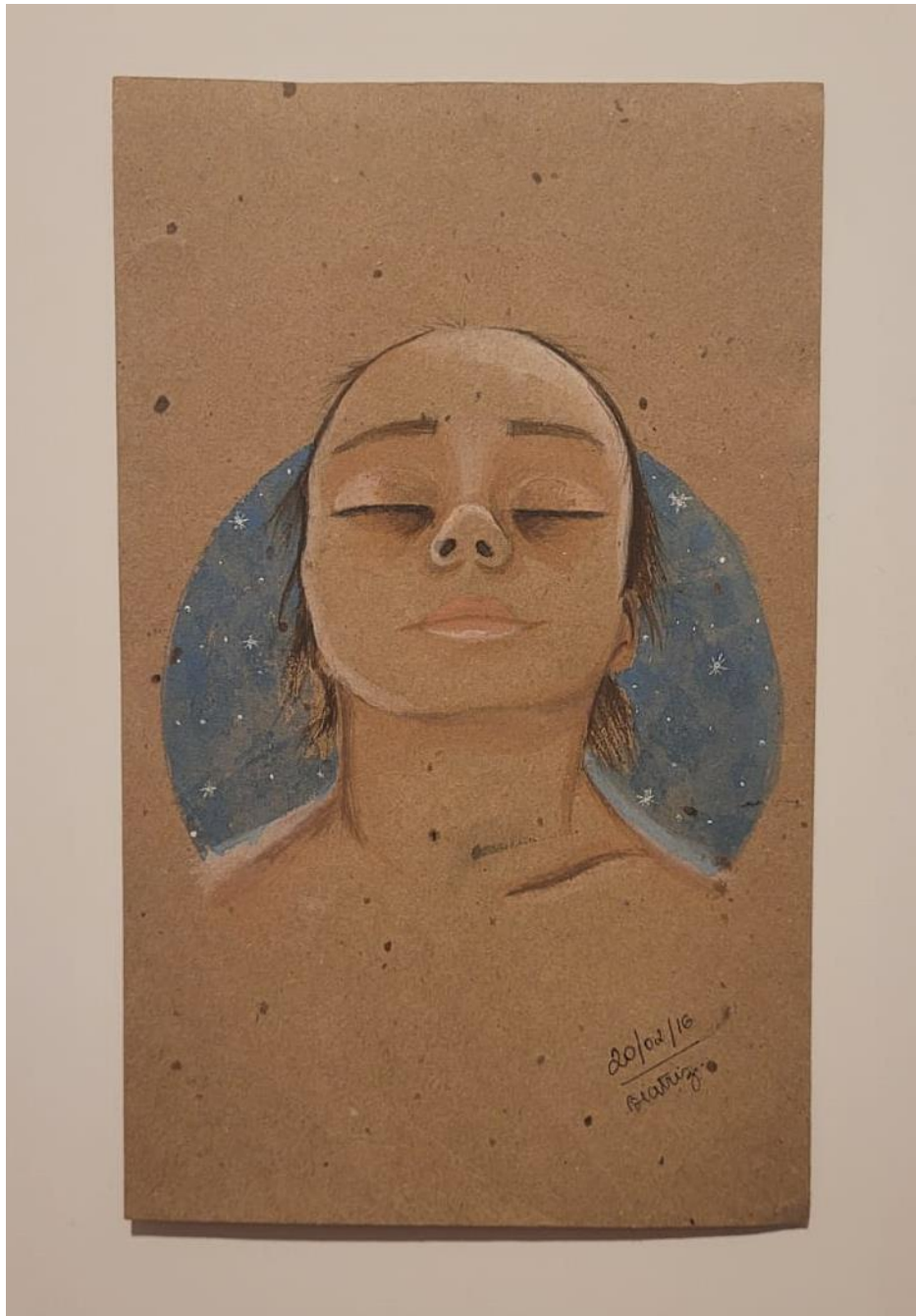


Figura 3- Meu primeiro autorretrato pensado como autorretrato – 2016

Depois desse experimento frustrado de tentar alcançar a aprovação dos companheiros e receber um impacto negativo, comecei a me retratar da forma que eu estava, não mais como era. Me desenhei entediada na aula, me desenhei sonhando com astros pop do momento, me desenhei até mesmo desenhando.

Sempre buscando referências nas redes sociais, eu acreditava que o desenho ideal também deveria seguir corpos e padrões ideais, como a forma de se sentar, a maneira de amarrar o cabelo, as expressões e roupas e, dessa forma, ao invés de me desenhar, apenas me colocava em um molde de corpo que não era o meu com poucas características que me faziam eu, apenas talvez a situação acontecendo e, por enquanto, isso bastava.

Mas, ao entrar na universidade e ser convidada a observar o mundo por diversos meios, corpos e visões, uma inquietação foi surgindo principalmente por começar a compreender que eu deveria tomar o mundo pela minha própria ótica, e questionar aquelas referências que eu tomava como base para me representar. Qual a melhor referência do que eu mesma?



Figura 4 - Autorretrato, enquanto observava as minhas marcas de sol durante a pandemia quando voltava do trabalho andando para evitar o ônibus - caderno 9 - 2020

E respondendo esta pergunta, muitas outras foram aparecendo, como “quando eu aprendi que o digno de ser desenhado é aquele perfeito?” e “quando eu parei de olhar pra mim e apenas imaginar que eu devo ser como o

da tela?” e principalmente “quando eu comecei a normalizar o ódio que eu sinto por olhar o meu corpo e entender que ele é ‘errado?’”.

E foi na educação infantil que começo a ter minhas respostas, já que a infância é onde começa o nosso contato com o mundo, é ali também que o mundo começa a nos ensinar e, a escola é um ótimo lugar para enraizar o que vai ser bonito e o que não vai para o resto da vida.

Fazendo estágio em uma creche, inclusive a mesma que frequentei com uns 3 ou 4 anos vi que o trabalho docente também está suscetível a cair nas armadilhas das grandes mídias e seus padrões estéticos, principalmente com desenhos, cores mais valorizadas e estereotipadas (azul para meninos rosa para meninas entre outros exemplos) tudo isso reforçado por imagens “positivas” que mostravam apenas corpinhos copias daqueles que eu questioneei nos meus desenhos. Não demora muito para as crianças aprenderem a subjetividade por traz dessas questões todas, a estética valorizada nos desenhos animados, ilustrações de livros e outras reproduções imagética e, facilmente ou se sentiram pertencentes ou distantes dos holofotes.

Ver tudo isso acontecendo me chocou ao perceber que meu apagamento começou ali, que as crianças estavam passando pelo mesmo processo que o meu, e o mais revoltante, eu estava dizendo sim para aquilo.

Logo, refletir por meio dos meus autorretratos é voltar e me reconectar com a minha primeira infância, é fazer com que o desenho tenha o mesmo sentido de conexão de quando eu comecei a desenhar no chão de madeira do quarto da casa dos meus pais, de buscar me relacionar com o tempo alheio e o meu próprio, compreender todo esse processo, identificar os pontos que nublaram a minha compreensão do meu corpo até chegar ao presente momento e refletir os motivos desse descontentamento que ora vem mais forte, ora se atenua.

É só a gente olhar o tempo como é
É só a gente estar onde se firma o pé

Maravilha Marginal – Letícia Fialho

2. METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza por ser uma pesquisa bibliográfica que dialoga com o caráter autobiográfico como forma de aprofundar e compreender os temas estudados formando uma narrativa como método de exposição dos resultados, que pretende me ajudar a dialogar com a questão problema da pesquisa que é: “Investigar como as experiências e as vivências de uma pessoa, quando registradas em forma de autorretrato, podem influenciar a construção da imagem corporal.”

Coloca-se como “Pesquisa Bibliográfica” pois busca como fonte de informação artigos, livros, teses, músicas e imagens e outros aparatos científicos tradicionais, comparando e relacionando seus conteúdos, ampliando as visões dos temas de autorretrato, experiência e autoimagem.

Conjuntamente, o método autobiográfico aparece nessa monografia na análise de material autoral, que, de acordo com Soares (2010, p.3) é “atrelado ao estudo de documentos pessoais narrados ou escritos e que inclui cartas, biografias, autobiografias, diários e necrológicos. É marcado por uma característica: explora a relação entre a experiência social e o caráter pessoal.”. Os materiais escolhidos foram cadernos de desenho organizados em 16 volumes que datam desde 2016 até os dias atuais juntamente com autorretratos avulsos e histórias gráficas sequenciais, servindo ao método na forma de analisar de forma crítica e reflexiva as histórias por trás de cada ilustração, entendendo todos estes recursos gráficos como parte de vivências sociais e culturais que quando revisitadas promovem uma reconstrução da nossa formação por meio do autoconhecimento.

A presente pesquisa qualitativa vai usar como suporte alguns autores tanto da pedagogia quanto da psicologia para compreender as várias facetas do autorretrato e o corpo, como suporte teórico nos apoiaremos sobre escritos de Jorge Larrosa Bondía (2002) para tratar sobre a experiência e suas implicações, Antonina Soares e José Sobrinho (2010) para reforçar a validade da autobiografia enquanto escrita acadêmica, Maria Rauen e Daniel Momoli (2015) sobre autorretrato e a influência na construção da identidade.

Também me firmei nas experiências de autoras que me atravessaram pela leitura em aulas da graduação, como Jota Mombaça (2021) e Bianca Santana (2015)

2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O levantamento bibliográfico foi realizado como forma de identificar a literatura já feita sobre o tema na plataforma online do Repositório Internacional UFSCar, uma vez que a minha trajetória foi marcada pelo espaço da Universidade Federal de São Carlos. No site a busca abrangeu várias opções de textos referentes às palavras-chave, inicialmente tomando como referências documentos produzidos a partir de 2018, meu ano de ingresso, porém, a partir dos resultados obtidos, foi mudado o critério para abranger todos os registros da plataforma.

Tomei como base inicial o descritor “autorretrato” usando como filtro da plataforma o campo “educação”. Também busquei o descritor “autobiografia” em conjunto com o filtro da “educação”, e, logo após, com o filtro de “formação de professores”.

Nas tabelas a seguir estão os resultados da pesquisa na plataforma com as palavras-chave e a seleção dos artigos.

O modelo de tabela usado para a revisão de literatura foi criado em 2012, pela Prof^a. Dr^a. Lucia Lombardi, no contexto de estudos sobre metodologia de pesquisa no curso de Licenciatura em Pedagogia, tendo sido modificadas e aprimoradas em discussões sobre o procedimento de levantamento bibliográfico no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE¹)

¹GIAPE: www.giape.ufscar.br

Tabela 1 – Repositório Internacional UFSCar – Autorretrato

Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas p/ a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Autorretrato and “educação”	2	2	<p>ECHEVERRIA, Renê Batista. Emaranhamentos de linhas discentes: Os quereres na pós-graduação. São Carlos. 2020</p> <p>MARTINS, Karinne de Pádua Gonçalves. Uso de portfólios em diferentes práticas: um olhar de uma educadora. São Carlos. 2015</p>
Autobiografia and “educação”	7	2	<p>ANDRADE, Leandro Lente de. Educação Antropofágica: apropriação cultural indígena pelos jesuítas no início da colonização portuguesa do Brasil (1549-1599). São Carlos. 2023</p> <p>CARDOSO, Ivanilda Amado. Intelectuais insurgentes no campo da formação de professores/as. São Carlos, 2020.</p>

Analisando a tabela, é possível verificar um abaixo número de resultados para cada palavra-chave somada com o filtro da plataforma, e, além do mais, por meio da leitura do título e do resumo, os dois únicos textos achados não demonstrava contemplar o problema deste trabalho.

Tabela 2- Repositório Internacional UFSCar - Autobiografia

Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas p/ a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Autobiografia and “formação d) aborda a experiência de professores”	14	4	<p>DOIN, Rafael Romeiro. O corpo, esse desconhecido. Sorocaba. 2017.</p> <p>FERRONI, Carla de Oliveira. Recordando sobre o brincar na infância de professores participantes de um processo de formação lúdica. São Carlos. 2018.</p> <p>CUNHA, Rebeca Figueiredo da. O encantamento de ser: um estudo sobre o acolhimento da expressão dramática de crianças e a formação de professores/as. Sorocaba, 2021.</p> <p>LAGOEIRO, Aline de Cássia Damasceno. Trilhando os caminhos do início da docência: concepções sobre o percurso formativo no processo de tornar-se professor. São Carlos. 2019.</p>

A segunda tabela mostra que os resultados foram um pouco mais satisfatórios ao mostrarem um maior número de textos, porém a grande maioria deles não contemplam uma trilha na experiência pessoal dos autores, o que seria pertinente para esta pesquisa.

Pós a seleção dos artigos, foi feita a leitura de cada um dos resumos e, apenas dois correspondiam a expectativa de abordar as experiências pessoais como incentivo e material para a formação de outros docentes, existe um que se enquadra na narrativa da vivência na graduação em pedagogia, mas, a tese defendida por Aline de Cássia D. Lagoeiro (2019) aborda a experiência de outras pessoas, mas não a dela própria e, o texto de Rafael Romeiro Doin (2017) aborda sua perceptivas sobre suas vivências e experiências do seu corpo dentro de sua introdução e de seu memorial.

Essa ausência de textos colocando as próprias vivências demonstram uma desvalorização da experiência enquanto saber validado e, compreender que trazer um texto para o mundo com esse viés é colocar-se no risco da invalidação e ir de frente contra os apagamentos do mundo.

Tira toda essa decepção
Quero só ver a lei que diz
Que tudo é pra aprender
Tudo é pra evoluir

Sem medo – Mahmudi

3. RECORTES AUTOBIOGRÁFICOS E A EXPERIÊNCIA

Ao considerar o a autobiografia como recurso de pesquisa científica propomos um novo olhar sobre a validade de determinada informação e, pelo caráter que o curso de pedagogia da UFSCar Sorocaba tem, de se propor a quebrar com a visão de que autores dignos de serem referenciados se encaixam em apenas uma classe, em sua maioria brancos, europeus de tempos passados que não exprimem a realidade que uma pesquisa aut centrada deve ter, procuraremos fontes outras de autores.

Além disso, ao pensar em pesquisa e produção de conhecimento o holograma do pesquisador neutro e austero² assombra muitos estudantes que, como eu, se questionam seu papel na graduação. Mas como produzir em um ambiente acadêmico questionando as referências consolidadas? Como validar a própria vivência e os estágios durante a graduação como fazer científico? E, principalmente, como colocar paixão em textos que deveriam ser frios e secos? Na tentativa de buscar soluções a essas e outras dúvidas a relação entre autobiografia e experiência faz brilhar uma fagulha de luz na escuridão das indagações.



Figura 5- Abertura do caderno 10 – 2021

² Muitos professores da PED-SO reiteram o compromisso de que a pesquisa não é feita por um pesquisador externo e, inclusive, rompem em suas aulas este estereótipo. Porém, ainda é comum ao entrar na graduação pensar que para estudar algo, o objeto deva estar distante.

3.1 DIFERENÇA ENTRE INFORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA

*Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Que quero nascer, quero viver
Deixe-me ir
Preciso andar*
Preciso me encontrar – Cartola

É importante conceituar e distinguir o que chamaremos de informação e experiência, pois, em um mundo feito de signos e códigos, o significado de palavras quase iguais pode gerar certa confusão. Jorge Larrosa Bondía (2002, p.21) já falou sobre o poder das palavras, e principalmente sobre o que elas fazem conosco, que as palavras que usamos para nomear o que somos, o que fazemos, sentimos, pensamos e percebemos são mais que “apenas palavras”.

Considerando a palavra *experiência* definida em vários idiomas como “o que nos acontece” (2002, p. 21), Bondía afirma que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

E, sobre essa falta de acontecimentos organizada com fim de caracterizar nosso mundo pela pobreza de experiências, o autor coloca como opositora, a palavra *informação*, chamada muitas vezes de antiexperiência, como um saber vago, dado pelo conhecimento do fato, mas que não gere, de verdade, um acontecimento, ou uma transformação do sujeito.

No centro dessa relação desarmoniosa está um projeto de contemporaneidade que precisa que as pessoas estejam informadas, que

saibam as coisas e opinem sobre elas, que sejam obcecados pela informação e pelo saber, mas sem que nada lhes aconteça.

Ainda, Bondía nos provoca ao dizer que é necessário separar a *experiência* da *informação* principalmente nas relações de aprender:

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. [...] Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. (2002, p.22)

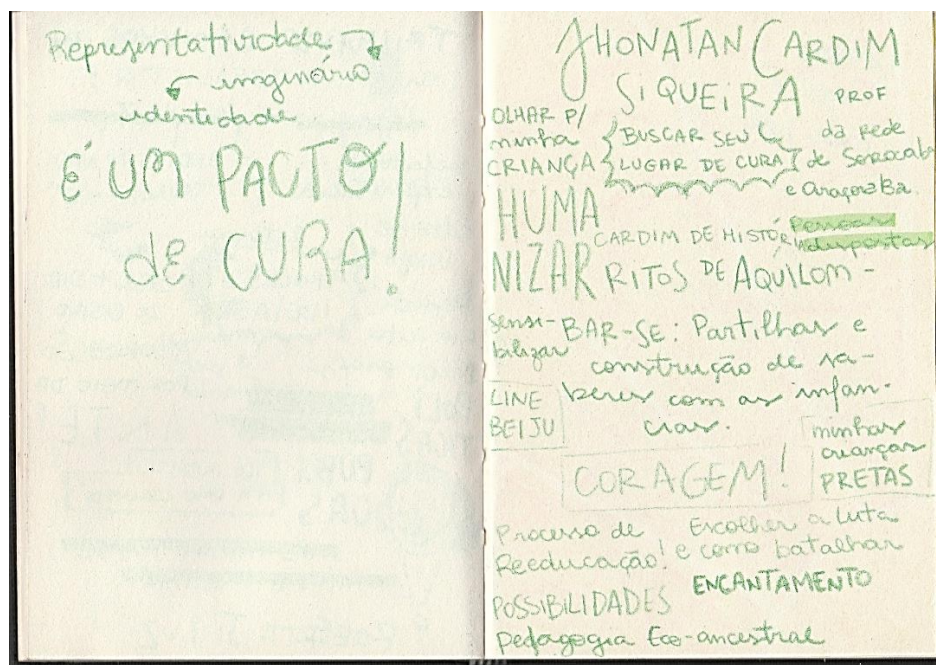


Figura 6 - Anotações do VI Simpósio de Arte Afro Brasileira – caderno 15 - 2023

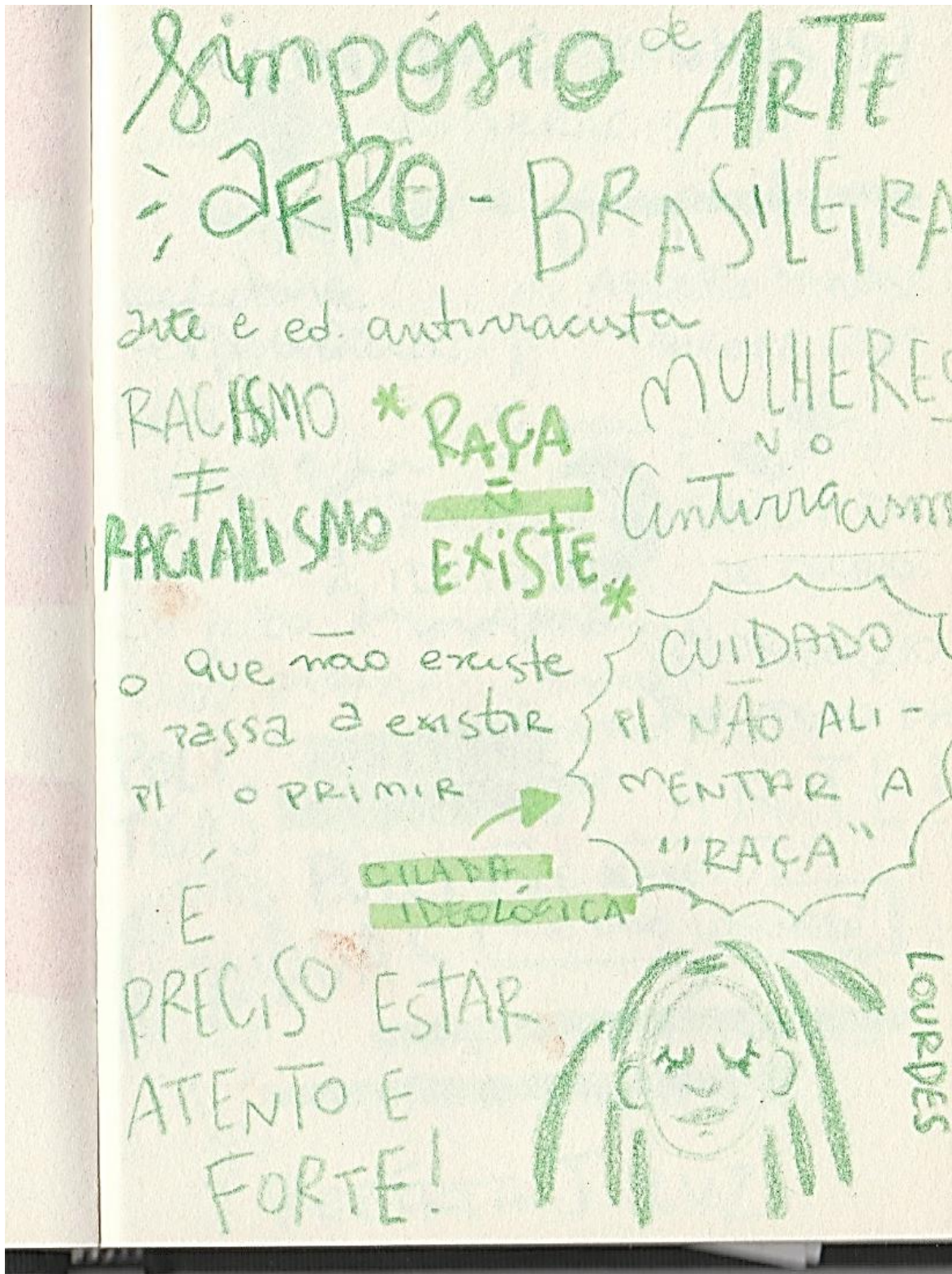


Figura 7- Anotações do VI Simposio de Arte Afro Brasileira – caderno 15 - 2023

³ O Simposio de Arte Afro-brasileira da UFSCar Sorocaba é organizado pelo Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE) proposto pela Prof^a Dr^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi disponível em: www.giape.ufscar.br

Racismo no Sistema Educacional.

PERFEITA



PROF = KUSAM REGINA DE OLIVEIRA

EU ESTOU DESORGANIZADA!

A GENTE LUTA POR
UMA INFÂNCIA SAUDÁVEL.



MNU - militância p/ busca da humanidade
↳ PANAFRICANISMO. idade

↳ referências ancestrais
(menina bonita...)
anulação
menino nito - Soma Rosa.
histórias da preto.

OMO - OPA - princesa negra se não tá
nos livros, não existe!

INFÂNCIA COM DIGNIDADE - TOTENS/OBEUSCOS QUE
A GENTE TEM EM CASA

↳ pessoa adulta olhar p/ criança e ver vários
talentos que ela tem

"Escreva tudo que você viver!"

LINEBEIJU - literatura de cura

AFRO BRASILEIRA ≠ NEGRO BRASILEIRA ≠ NEGRA

A NOSSA SOCIEDADE
ODEIA A INFÂNCIA

o corpo da criança negra
não pertence a ela e não
pertence ao país, PERTENCE AO
ESTADO - D. alisar cabelo.

a abolição não
acabou ainda!

REPARAÇÃO

LEI 10639 + ECA

lugar de dignidade

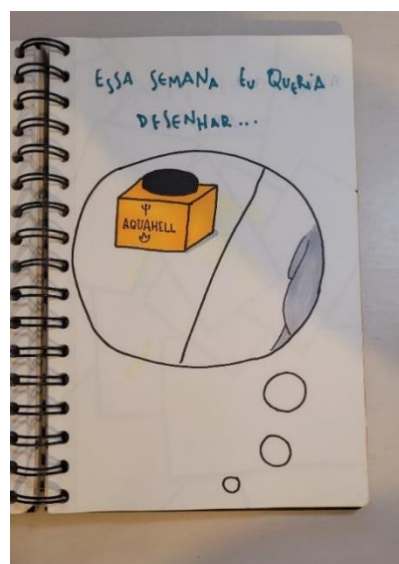
é preciso uma aldeia inteira p/ educar uma criança

Figura 8 - Anotações ilustradas sobre a palestra com Kiusam de Oliveira na UFSCar Sorocaba - caderno 13 - 2022

E, por vivermos em uma sociedade de informações muito mais rápidas, pela falta de tempo e acontecimentos ainda mais urgentes, um seguido do outro, a experiência carece da calma de “[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar; parar para sentir [...]” (2002, p. 24), pois, enquanto sujeitos passivos da sensação, precisamos deixar ser atravessados.

E seguiremos então como *atravessamento* como sinônimo dessa experiência que se propõe a transformar o ser vulnerável, que se coloca diante a impedir, mas que é cruzado, ao que também pode ser definido como “[...] um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. [...] o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.” (BONDÍA, p. 24).

Dessa forma, pela ausência de tempo, pelo projeto de sociedade da informação, valorização exacerbada do saber raso e a Universidade (e a pedagogia como centro de formação de professores) coloca a educação como refém da antiexperiência e mostra que o aluno “[...] já não tem tempo. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece.” ainda segundo Bondía (2002, p.23)



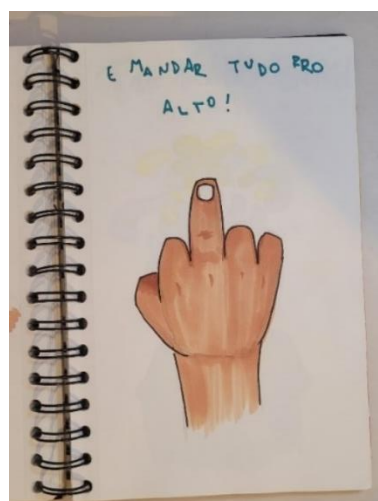
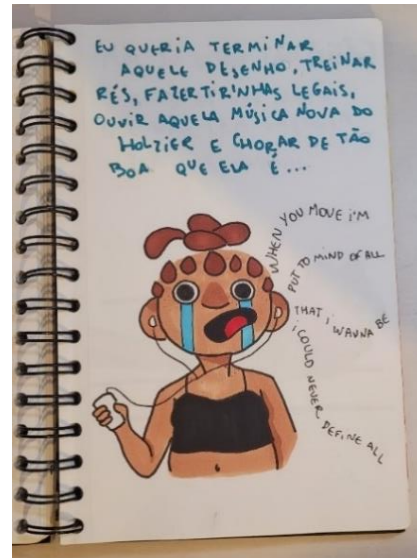
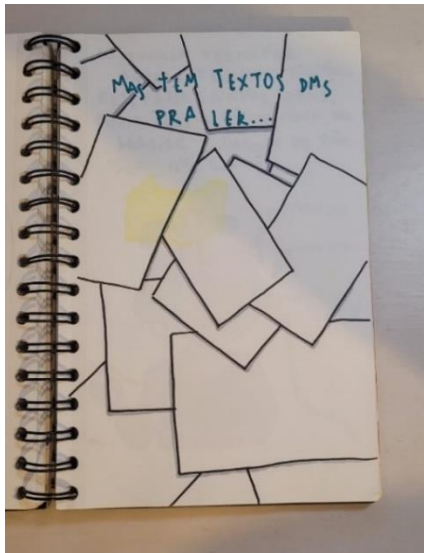


Figura 9 - Ilustrações sobre a frustração da alta demanda da universidade - caderno 6 – 2019

Ao considerar a pedagogia um espaço social, com relações complexas fora da troca de informações que muitas vezes as aulas se tornaram, é necessário compreender que muitos atravessamentos fizeram mais parte da minha formação enquanto profissional da educação do que as ditas aulas quando se pensa em uma instituição de ensino superior, como palestras no campus, peças de teatros, exposições e visitas em espaços culturais complementando o que está dentro das quatro paredes, e, carregá-los e valorizá-los é meu dever enquanto educadora para pensar na minha prática.

Paulo Freire em seu livro “Política e Educação” faz um ensaio sobre sua construção, através das experiências em diversos recortes de tempo e espaço enquanto professor e afirma que:

Não nasci, porém, marcado para ser um professor assim. Vim me tornando desta forma no corpo das tramas, na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas ou à prática de outros sujeitos, na leitura persistente, crítica, de textos teóricos, não importa se com eles estava de acordo ou não. (2015)

Freire aqui coloca o contato com o outro uma importante ferramenta na construção da prática docente e, nestes encontros felizes ou não expõe a vulnerabilidade enquanto sujeito da experiência, o que Bondía coloca como característica fundamental, o observa como “ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso [...] a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.” (2002, p.25)



Figura 10- Autorretrato sobre dúvida – caderno 11 - 2022

A função de experienciar o mundo então é se equilibrar entre o sentido daquilo que nos acontece ou na falta de um sentido para aquilo que aconteceu em nossas vidas gerando força e significância para a vida, além de seu aspecto biológico. Contudo, por ter relação com o com a elaboração do que tem ou não sentido no que nos acontece, a experiência põe-se no mundo como um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade que mantem laços em comum (2002, p.27).



Figura 11 - Ilustração sobre dias difíceis - caderno 12 – 2022

Trato aqui da comunidade discente da pedagogia que se encontram em formação mas que mesmo nessa categoria de acontecimento em comum, é formada por indivíduos únicos e, não fazem a mesma experiência por mais que tenham acontecimentos em comum.

Porém, a inspiração no contato com experiências alheias não é inerte ao próprio processo de encontrar-se. Surgindo em um grande movimento de cadeia a expressão e registro de atravessamentos se torna novo acontecimento e pode por meio da emoção e da paixão enquanto força do sujeito agente, ocasionar em novos significados.

Jota Mombaça, em seu texto “Na quebra. Juntas” nos dá possibilidades de como aproximar os acontecimentos, formar um laço, mas ainda sim compreender que os processos que nos atravessam, por mais que semelhantes, são únicos e singulares.

E se, as margens do grande nós universal (humano, branco, cisgênero e heteronormativo) a partir do qual se formula e engendra um certo projeto de sujeito e identidade, outros modos de criar coletividade e de estar juntas se precipitassem na quebra e através dela? (2021, p.22)

O que aqui ela chama de “quebra” nada mais seria do que o sofrimento e vulnerabilidade em comum, em um ponto de ruptura abrupta da informação para dar lugar ao estilhaçamento da experiência e a paixão dessa violência que ela menciona como

Quando uma vidraça arrebenta, os estilhaços correm para longe, sem nenhuma ordenação plausível. [...] o que chamo aqui quebra não são os estilhaços, mas o movimento abrupto, errático e desordenado do estilhaçamento. (2021, p. 24)

Assim, ao ter a semelhança e individualidade como fatores relevantes para a experiência, o processo de registrar as impressões e os resultados de sentido do movimento se fazem necessários para que se forme a conexão necessária para quebrar a vidraça e gerar força o suficiente para estilhaçar algumas solidificações.

Vai todo mundo ver
Que veja
Vai todo mundo ver
Me beija

Me veja – Rachel Reis

4. O AUTORRETRATO COMO REGISTRO DO SENSÍVEL

Como então, em um mundo tão marcado pelas palavras, dominado por meio delas, registrar algo tão sensível quanto uma experiência que vai além da compreensão entre o que existe e o que nos é sensível? Novamente, uma imagem vale mais do que mil palavras e, se debruçar e exprimir no mundo uma representação gráfica de atravessamentos por meio da arte é uma solução possível.

Trato aqui sobre o autorretrato enquanto registro históricos dos indivíduos que se propõe a fazê-lo e sua utilização como forma de aproximar a vivência com o processo de modificação do ser com a construção de sentido ou a alteração de significado que o corpo passa por sofrer um atravessamento.

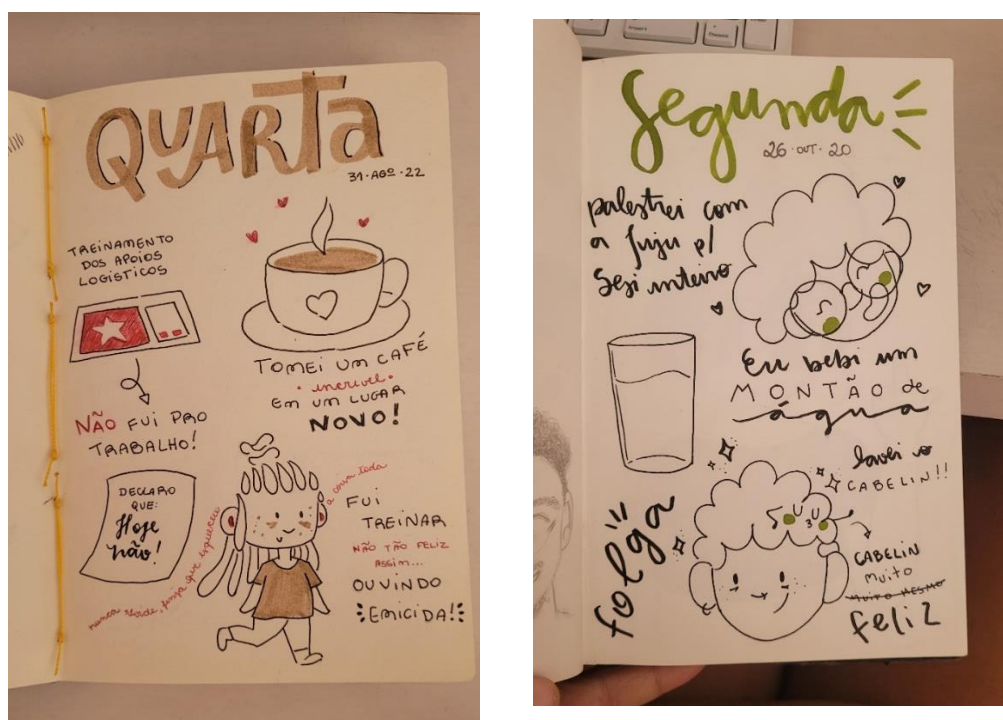


Figura 12 - Registros diários ilustrados – cadernos 12 e 8 - 2022 e 2020

4.1 CONCEITUAÇÃO E CONTEXTO

Quando nos debruçamos sobre o gênero do autorretrato devemos primeiro entender sua utilidade durante ao correr do tempo. Surgindo com base

nos retratos encomendados por grande parte da aristocracia, benfeitores da igreja, governantes e poderosos, Rauren (2014, p. 55) nos fala que o desejo de ser retratado surgiu ainda na Antiguidade, mas que não estava no alcance de todos, sendo restrito as classes mais “importantes” de determinadas sociedades.

O autorretrato então, brota da necessidade de artistas, ditas como pessoas comuns, de “revelar particularidades, valorizando sua singularidade, em detrimento do típico” (REUREN, 2014, p. 56), e, segundo Rafael Fonseca “[...] pode ser acoplado de uma narração supranatural. Pode estar dentro de uma ficção e, por si só, todo retrato também é uma ficção, mas geralmente com alguma vontade documental” (2009, p.2)

Mas somos levados a perguntar quais motivos fazem com que uma pessoa queira deixar a si mesma retratada para o futuro, e, Rauren recorda que:

“[...] essa imagem pode prolongar e manter algo vivo [...] a imagem é a tentativa do homem de reter, cristalizar pela permanência, um aspecto visual. Sendo então registro, a imagem, e neste caso a imagem de si próprio, tem a função de registrar, gravar para o futuro algo referente ao próprio artista, uma forma de se fazer lembrar, ser notado, observado, indicar seus gostos, ações, padrões de comportamento, atitudes, status. (2014, p. 57)



Figura 13- Autorretrato – caderno 8 - 2020

Dentre a necessidade de se por ao futuro, há conjuntamente a ânsia de registrar as modificações constantes que sofremos por meio das experiências da vida, tanto atravessamentos bons, quanto ruins, faz com que nos modifiquemos, não só o rosto, mas toda a identidade e o sentido de ser ao nos observar para fazer o desenho.

Afinal, nosso rosto, assim como nossa identidade, está constantemente sofrendo mudanças. Mudanças relacionadas com a idade, com as emoções, com os fatores aos quais estamos expostos. Ou seja, naturalmente nos colocamos numa condição de estarmos sempre em processo de nos tornar alguém. Ao olharmos para o espelho pensamos ter captado nossas feições no reflexo, porém essas feições já se transformaram empurrando nosso “eu” para um futuro. Por isso, em alguns momentos, temos dificuldade de nos reconhecer. (RAUREN, 2014, p. 59)

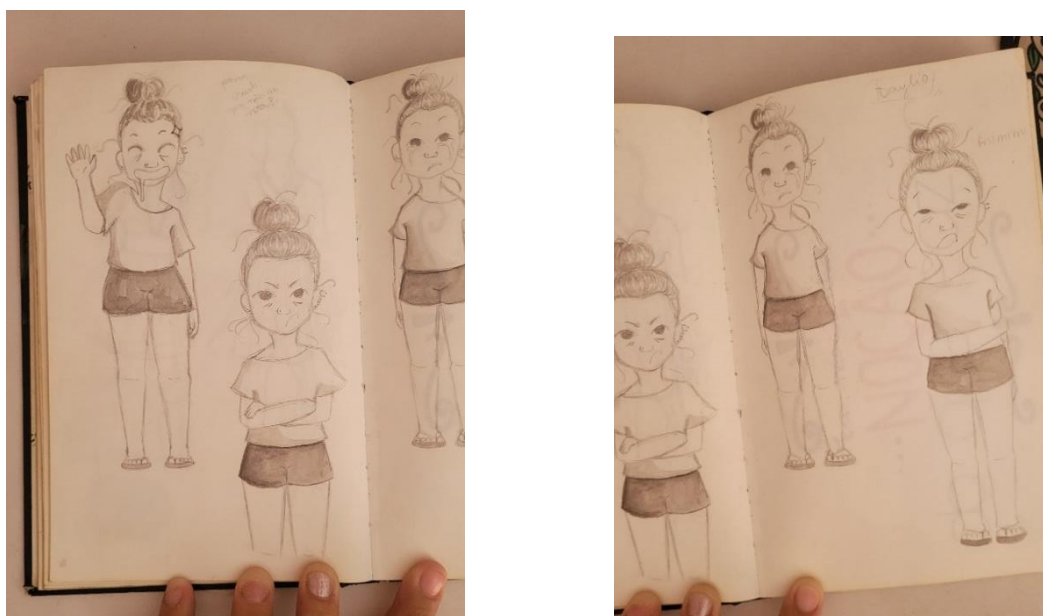


Figura 14 - Estudo de expressões faciais com autorretrato - caderno 3 – 2017

4.2 FRIDA KHALO E SUAS EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADAS EM ARTE

Já parou pra pensar

Que tudo que a gente pensa

Alguém já parou pra pensar?

Maravilha - Tuyo

Essa ânsia de se mostrar no mundo e de fazer a arte a própria imagem e semelhança é percebida em vários artistas renomados tanto por técnica quanto por conceito e, a mais relevante para a minha própria prática tem sido Frida Khalo e sua constante aproximação de arte e o encontro com seu eu sob os efeitos de atravessamentos da vida.

Relembrado por Bastos e Ribeiro (2007, p.48) “Ao longo de sua trajetória de vida, marcada por invasões do real, poliomielite com sequelas e um acidente, foi impulsionada a produzir uma belíssima obra, cuja dor e cores são constantes.” registrando no mundo físico as experiências as quais passou e se inventando enquanto figura estética no centro de seu muno surrealista nas pinturas.

Dentre muitos atravessamentos notáveis na vida de Frida, o que a impulsionou a pintar e lhe deu motivo para se observar mais atentamente foi o acidente de ônibus que sofreu aos 18 anos, em 1925. Na colisão entre o ônibus que seguia da escola e um bonde elétrico ficou gravemente ferida, tendo que ficar internada durante um mês e mais três meses seguidos de cama em sua casa, mas também, a fazendo sofrer de dores pelo resto de sua vida (BASTOS e RIBEIRO, 2007)

Foi durante o período de recuperação, enquanto estava deitada em sua cama que começou a pintar, por intermédio de seus familiares.

A família então resolveu fazer uma cama de baldaquim com quatro colunas e a mãe colocou um espelho em cima para que ela pudesse se ver. Podia também pintar encostada fazendo uso de um engenhoso cavalete de madeira que sua mãe havia mandado fazer. (BASTOS e RIBEIRO, 2007, p. 54)

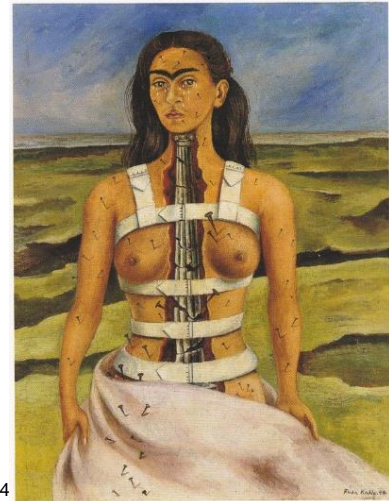
Nesta época, produz seu primeiro autorretrato, intitulado de “Autorretrato com vestido de veludo” (1926) e outras obras retratando colegas e sua irmã

Cristina, em 1928. Vemos nesta primeira obra que ela ainda não traduziria toda sua dor, quase como desejando estar “inteira” novamente pelo acontecimento da pintura em sua vida. Em cartas deixadas como registros por volta de 1925, Frida fala á sua mãe que não está morta, mas sim, tem uma razão de viver e, que esta razão se dá na pintura. (BASTOS e RIBEIRO, 2007, p. 54-55)



Figura 15 - Autorretrato com vestido de veludo - Frida Khalo – 1926

A experiência do acidente ainda foi objeto de várias outras pinturas na carreira da artista, que colocava suas dores e angústias no pincel tentando traduzir ao mundo aquilo que vinha direto de sua alma.



Ao aproximar a prática da artista mexicana da minha própria é inegável o fato que não se pode comparar o sofrimento físico de um acidente gravíssimo com experiências cotidianas que, por mais marcantes que sejam, não me trouxeram tanta dor física ou romperam meu corpo de forma tão violenta.



Figura 16 - Autorretrato sobre tristeza - caderno 6 - 2018

⁴ Figura - O cervo ferido – 1946

⁵ Figura - A Coluna Partida - 1944



Figura 17- Autorretrato sobre ansiedade - caderno 6 - 2019

Contudo, ao observar artistas que colocavam seu corpo e suas vivências em suportes de pintura e que essa poderia ser uma forma a mais de compreender o mundo e a minha constante dança entre o existir e o me significar, tomei como diário o exercício de me retratar nas situações que me aconteciam e me faziam habitar o meu espaço.

Pela observação das obras de artistas como a Frida fui convidada a voltar meus olhos para quais marcas meu corpo possuía e quais atravessamentos mais relevantes que mereciam o tempo de dedicação ao fazer um desenho. Este exercício de me retratar constantemente, chamando a atenção para meu próprio corpo me fez construir e questionar minha própria identidade.

Baseado no que Rauren diz, temos que a identidade não vem de uma construção sólida e imutável, mas sim, da incerteza constante de que somos realmente, assim:

A identidade não é algo a ser descoberto, não é alvo de conquista, mas sim algo a ser constantemente construído, afirmado. A identidade nada mais é que um processo de criação vinculada a interioridade do sujeito. Assim, como uma construção imaginária, a identidade é passível de alterações, construções, reconstruções e desconstruções. E ciente dessas possibilidades, através da prática do autorretrato podemos ir de encontro a novas imagens de nosso “eu” que nos identifiquem como cidadãos. (2015, p.60-61)

Assim, trabalhar com o autorretrato pode ser uma ferramenta interessante no que diz respeito do autoconhecimento, uma vez que, observando as próprias características pessoais e analisando as próprias experiências podemos ter noção que quais lugares ocupamos e o que nos é próprio em sentido.

Retratei-me diversas vezes enquanto pessoa magra pela pressão dos padrões de desenho que tinha visto como modelo, porém, ao me ver sendo atravessada pela realidade de um ônibus lotado com lugares apertados e restritos, me questionei meu tamanho com relação a folha de papel, e, me observei, quase como primeira vez onde me cabia.

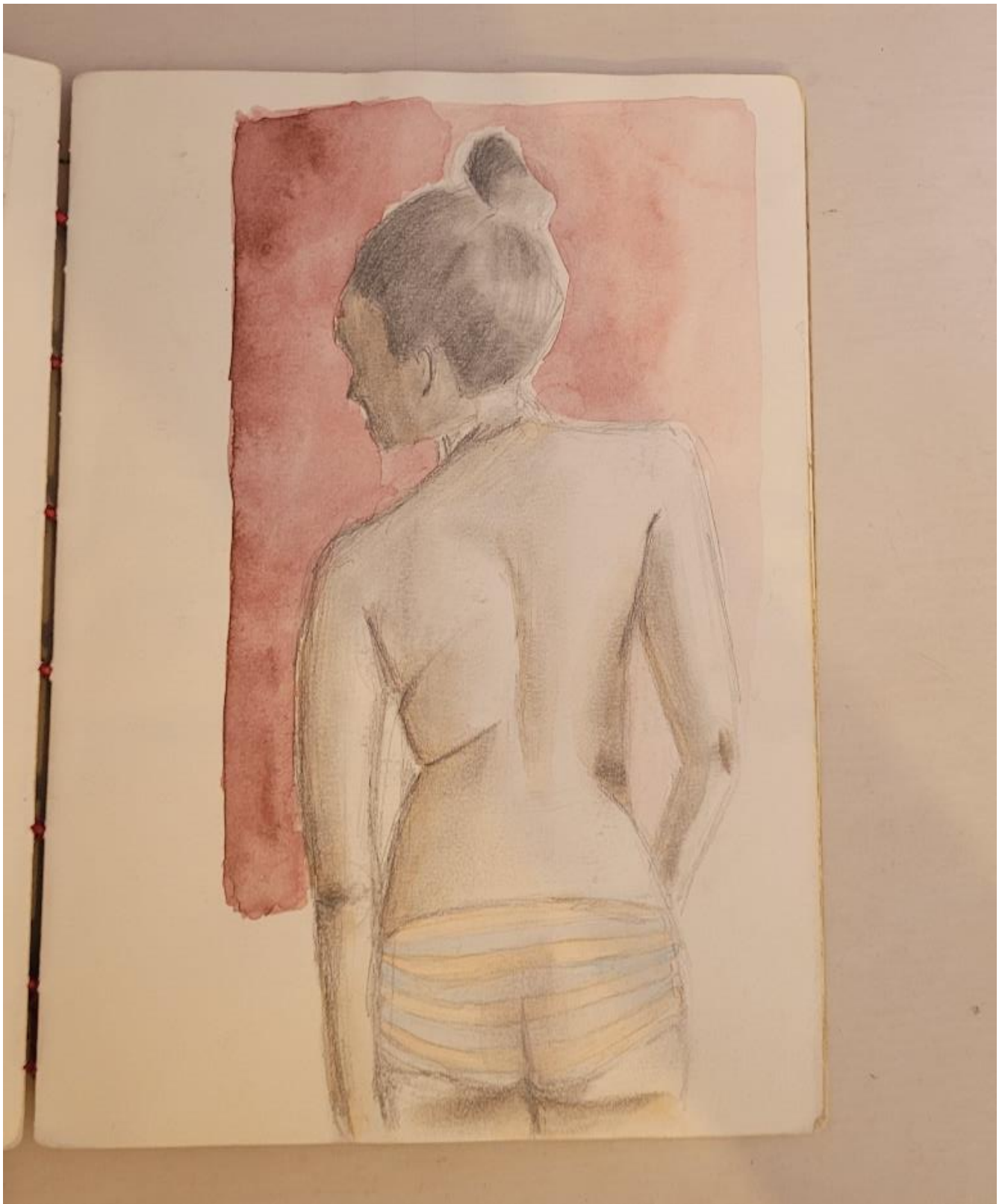


Figura 18- Visões sobre meu corpo - caderno 1 - 2016

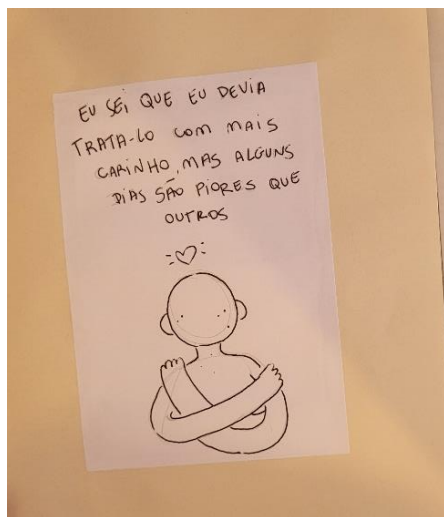


Figura 19 - Reflexões sobre o meu corpo - caderno 14 - 2023

Comecei a me desenhar com minhas curvas, com minhas próprias referências de corpo e poses, me vendo, me tocando, me observando. O que antes me dava raiva na realidade de não atender a um padrão corporal e a ilusão de me encaixar na ficção, pela percepção do olhar se transformou em sensibilidade.

Sensibilidade no que diz respeito a minha vivência, no autocuidado do toque que deixou de ser violento mas que com o lápis passa a ser de compreensão. Me dá a sensação de voltar a me enxergar.



Figura 20 - Autorretrato com colagem - caderno 5 - 2018

Não apenas com a adiposidade, mas com vários outros pontos que nem sabia que tinham começado a me desagradar, meu cabelo, meu tom de pele, minhas pintinhas, pelos e até mesmo a minha nudez, meus afetos e carinhos. Me observar, me representar me trouxe quase como de volta para mim, me fez retornar para uma casa que eu nem sabia que tinha perdido e que precisava tomar de volta.



Figura 21- Reflexões e observações sobre características do meu corpo - cadernos 8, 10 e 12 - 2019 até 2022

Rauman (2015, p. 60) ainda nos diz que “A própria vida é uma série de identificações e será por meio delas que o sujeito se constituirá, construindo assim sua identidade.” logo, o constante fazer artístico do desenho de autorretrato contribui no processo, não só de sensibilização do ser, mas também, da formação de princípios éticos e estéticos do existir.

4.3 CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO CORPO PELA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

Se afirmamos que o sujeito está em contante construção, a imagem que ele tem de si também é uma peça a ser construída por diversos fatores, e, tentaremos estabelecer aqui a relação entre as experiências de vida e como elas formam a visão que temos do nosso corpo no espaço-tempo que habitamos tanto pela semelhança, quanto pela diferença.

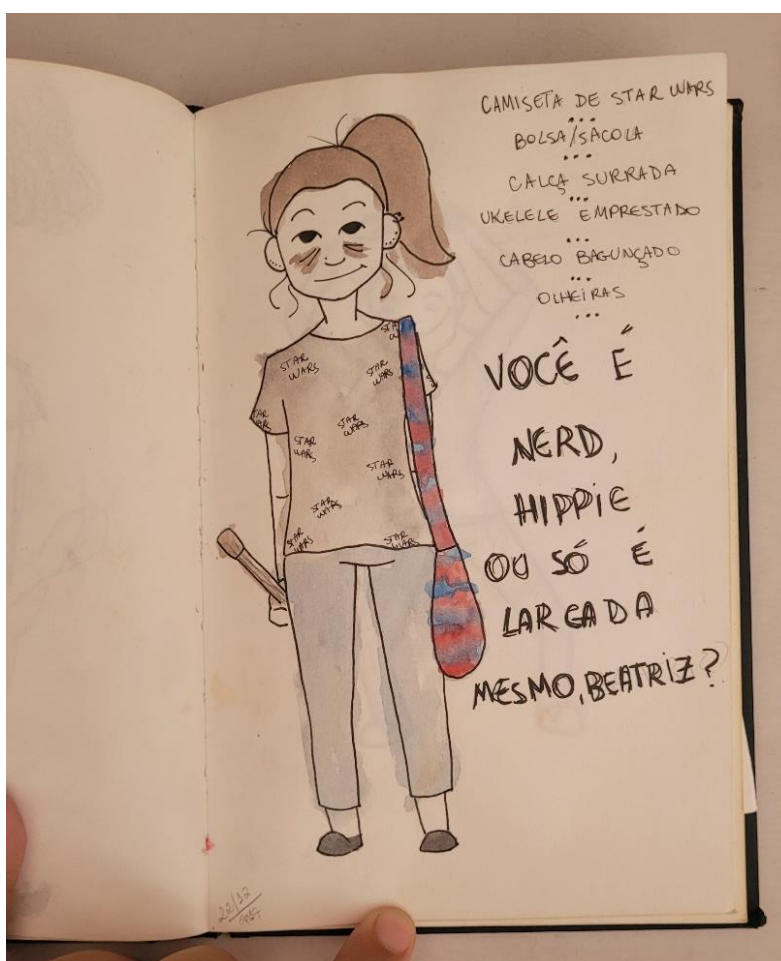


Figura 22 - Questionamentos sobre meu estilo pessoal - caderno 3 - 2018

4.4 O QUE VEM A SER A IMAGEM CORPORAL?

Com base no texto de Daniela Dias Barros (2005), temos que a imagem corporal é um conjunto de fatores cognitivos e emocionais, que começou a ser

estudado e pensado no século XVI, na França, para solucionar dúvidas de patologias ligadas a psicologia e fisiologia, mas que, aos poucos, foi abrangendo as áreas de humanidades por observarem a influência do social na imagem corporal. (2005. p.548).

A imagem que uma pessoa cria de si mesma é a organização das observações do corpo físico, em suas estruturas que existem no mundo, suas características físicas e do corpo emocional e dos sentimentos que experienciamos durante nossa vida, e que, segundo Barros são fatores indissociáveis pois “[...] há uma interação entre os lados fisiológico, neural e emocional, além do fator social. Um desses processos analisados separadamente tornaria a análise falha e incompleta.” (2005. p. 549).

Sendo assim a imagem corporal construída e desconstruída pelo sentido que vamos dando por aquilo que nos atravessa, essa visão que temos sobre nosso próprio corpo se estabelece em camadas até a formação de um ser completo. Se identificar pelos atravessamentos é o que muitas vezes vai nos colocando perto de semelhantes, que, evocando Mombaça, se juntam na quebra do estilhaçamento (2021).

Atravessamentos esses que podem ser relacionados a gênero, raça, sexualidade, classe social e, uma vez que nos vemos atingidos por violências ou privilégios dessas classificações sociais, vamos nos afirmando dentro de determinados grupos, o que aconteceu comigo, mas também com Bianca Santana (2015), que narra em seu livro de memórias inventadas e reais como se descobriu negra.

“Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol.” (2015, p.14) Como eu, Bianca é uma mulher negra de pele clara que precisou da experiência com outras pessoas negras, ser aceita, ouvida, tocada e impulsionada pelo atravessamento para se afirmar, em uma de suas camadas, como pessoa preta.

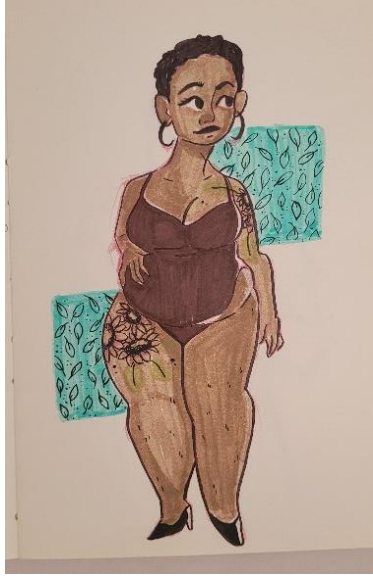


Figura 23 - Estudos de cor e forma com foto autoral como referência – cadernos 12 e 6

Infelizmente, a construção destas camadas (ser negra, gorda, parte da comunidade LGBTQIAPN+⁶, pobre e periférica) tem motivos para sofrer com apagamentos e anulações constantes. A grande mídia que tem o trabalho de nos tornar informados, e aqui cabe novamente o conceito de informação para Bondía (2002) de *contraexperiência*, busca atingir o objetivo do modelo econômico capitalista de vender e consumir, nos tornando, segundo Larrosa em sujeitos cheios de vontade e hiperativos (2002, p.24).

Santana também conta que foi branqueada, sendo afastada dos efeitos da experiência coletiva da negritude ao ter sua família ascendo a classe média, e afirma que eram obviamente negros, mas que sua mãe por ser economista em uma grande empresa foi branqueada pelo *status* (2015, p.15)

Também, Barros reitera que:

“As novas tecnologias, a mídia e seu avido poder consumista – são apreendidas por nós como uma parte de nosso corpo unindo-se com nossa imagem corporal, transformando-nos em camaleões que se adaptam àquilo que as circunstâncias exigem” (2005. p.552)

⁶ LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais, Pan/Pôli, Não-binárias e mais.

Mas nem sempre o que as circunstâncias exigem vai corresponder àquilo que nosso corpo é verdadeiramente. Se vemos nas grandes mídias uma exaltação de padrões estéticos impossíveis de serem alcançados e que excluem grande parte da população, nossa percepção de mundo passa a ser lograda a partir de tais influências e, pela não identificação com aquilo que é valorizado como *correto*, Barros nos diz que “as imagens corporais influenciam o processamento de informações, sugestionando-nos a ver o que esperamos ver.” (2005. p. 551)



Figura 24 - Capa da Revista Capricho - ed. dez/2016 e autorretrato de dez/2016 – caderno 2

Não é certo, contudo, condenar veemente os corpos que estão em destaque nas mídias e redes sociais, pois, Barros ainda nos afirma que “Um corpo é, necessariamente, um corpo entre corpos. Precisamos ter outros corpos a nossa volta” (2005. p.551) e, a comparação nos gera a experiência e nos faz observar então as diferenças e nos sensibilizar e construir a nossa própria imagem de si.

Observar que estampadas em capas de revistas habitam corpos femininos brancos, magros, cisgêneros com os mesmos fenótipos de cabelo liso ou cachos perfeitamente definidos, feições finas e delicadas poses gentis,

e, me olhar e ver o contrário de tudo isso gerou em uma primeira reflexão uma necessidade de ser/me encaixar e uma segunda de estranhamento, de repensar e ver que estava tudo *errado*.

Jota Mombaça, assim como várias outras artistas que identificaram esse desconforto, nos diz:

Se a gente ao menos soubesse enfeitiçar os efeitos da ansiedade noutras direções, para aprender com eles. Mas a gente vai ficando doente e se sente descartável. Estamos sempre à porta ou na esquina de qualquer coisa. (2021. p.29)

A observação e sensibilização da experiência subjetiva da autoimagem é um dos principais frutos do autorretrato, uma maneira de driblar o mal do não pertencimento, uma vez que, como registro das muitas experiências da vida o desenho torna-se objeto de estudo para um comparativo entre as imagens que se sobrepõem ao longo do crescimento, documento histórico das situações que fizeram sentido para o ser e que, ou deixaram de ter ou mantem-se na coerência de existir.

Também construímos e desconstruímos nossa imagem corporal. É uma sucessão de tentativas para buscar uma imagem e corpos ideais. E esse mundo de imagens corporais que permeia nossas vidas está pleno de emoções. (BARROS, 2005. p.551)



Figura 25 - Autorretratos em vários estilos e várias poses - caderno 7 – 2019

Olha, eu sei
Que a gente às vezes vê errado
Aumenta o preço do próprio pecado
Talvez nem seja só questão de ver
Será que o erro é esquecer de quem já foi?
Fazia parte do passado
E nem por isso tá errado ainda ser
Ou lembrar o ser

Abrigo - ÀVUÁ

5. A INFÂNCIA COMO LAR DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Se temos que aquilo que nos toca, que nos transpassa é uma experiência, o que vai gerar sentido ou ressignificar aquilo que está no mundo para dentro de nós, vamos aqui observar a infância como lugar das primeiras interações com o mundo e como a educação se relaciona com essas experiências, principalmente aquelas que permeiam a construção da imagem corporal.

5.1 REFORÇOS PARA O SABER DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FORMAL

Loris Mallaguzi disse em seu texto “As em linguagens da criança” da pluralidade com a qual a criança observa o mundo, mas que de cada cem linguagens da infância, noventa e nove lhe são tiradas. Disse que “[...] A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo” (EDWARDS, et al., 2015)

A separação entre corpo e cabeça que o autor se refere é o debate que Larossa (2002) propôs sobre a experiência e informação, porém, com a supervalorização da informação nas escolas formais, como se aprender fosse apenas receber e organizar informações na mente e o corpo estivesse desconectado desse processo.

Contudo, ao pensar a educação vemos que há um embasamento teórico e jurídico que nos garante, enquanto educadores, que o processo de aprender deve ser e, tem a função de promover experiências nas relações com o outro e com o mundo.

Segundo a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o

pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

Também, fixada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, no artigo 3º é posto que:

O currículo da educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos. (BRASIL, 2009)

E em outro determinado artigo é descrito que a criança como sujeito histórico de direito, por meio de interações e experiências cotidianas, constrói sua identidade pessoal e coletiva, sentidos sobre o ambiente e sua sociedade, gerando cultura (BRASIL, 2009).

Logo, o saber de experiência e as vivências no contraponto da informação estão enraizados na própria definição de educação infantil e, conforme vamos mais a fundo nos princípios da educação infantil, mais podemos justificar o autorretrato como instrumento de construção de uma imagem corporal mais sensível, principalmente na construção de princípios estéticos que a criança vai desenvolver.

5.2 DESENVOLVIMENTO DE PRINCÍPIOS ÉTICOS E ESTÉTICOS

Assim, o autorretrato é um exercício importante nos processos de ensinar e aprender uma vez que, faz com que o indivíduo tenha suas experiências valorizadas, sejam elas de qualquer tipo, se vejam enquanto participantes realmente ativos ao se colocar como protagonistas da obra e observem o valor do atravessamento agindo sobre o corpo, as marcas deixadas, as mudanças feitas, podendo, muitas vezes traduzir o que as palavras não vão dar conta.

Se dar conta de que seu corpo está sujeito a tantos fatores e saber que ele é sua primeira forma de sentir o mundo, de se conectar a este planeta e às pessoas que o cercam pode ser assustador, como foi e está sendo para mim, e para outras pessoas. Gosto da aproximação que é possível tecer com a Frida e com a Jota Mombaça, mesmo passando por atravessamentos distintos, a força da violência que nos faz transpassar umas nas outras é o que vai fazer com que isto (a necessidade de compartilhar, por fora, registrar o que é sensível) seja viável.

No final do mesmo texto que Mombaça (2021, p.31) anseia por redirecionar a ansiedade, também vai dizer que enfrentar, conjuntamente, todos aqueles que a constroem e fazem com que sua imagem seja deturpada:

Isso não passa de uma forma de cortar o mundo. E o mundo é meu trauma.

Eu sou maior que o meu trauma. (?)

Porque se o mundo, que é meu trauma, não para nunca de fazer seu trabalho, então ser maior que o mundo é meu contratrabalho.

Cortando o movimento do trauma das violências como racismo, gordofobia, e misoginia, registrando e ressignificando sua imagem por meio do exercício do autorretrato entramos em contato direto com a construção no que vem a ser definido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de princípios fundamentais, que são: éticos, que tratam sobre responsabilidade e autonomia; Políticos que reforçam os direitos de cidadania e democracia, mas, o que mais nos vem a calhar agora, sobre os princípios estéticos, que vão se responsabilizar da criatividade, da liberdade de expressão, mas principalmente sobre a sensibilização. (BRASIL. 2010, p. 16)

Eu precisei me cuidar, precisei me esperar
Tenho que me refazer, eu tô tentando entender
Eu não posso mais te ver
E saiba
Eu não me sinto uma pessoa boa, mas
Eu não me encontro, só me perco e tanto faz

Say Goodbye - Jaloo

6. OLHAR PARA SI É COLOCAR-SE NOS HOLOFOTES DA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA

Jorge Larrosa Bondía (2005) também tratou de falar sobre como a experiência se relaciona com a construção da existência no mundo, que vai gerar uma forma de se portar no mundo, a ética, e um estilo de ser e enxergar o mundo, a estética. (2005, p.27).

Sabendo que os atravessamentos nos criam sentido para o mundo e nos fazem vê-lo, tanto individualmente, quanto coletivamente entre o que vale a pena exaltar e o que não vale, os sentidos estéticos também vão se sobrepor conforme a experiência vai ser passada ou não.

O que vemos hoje como os padrões hegemônicos nas mídias audiovisuais fazem com que a interação com estas imagens gere um sentido estético coletivo ao dizer que aquela é uma beleza exemplar (branquitude; heteronormatividade; cisgeneridade; classe média), e, ao vivenciar algum atravessamento que vá de frente com essas características pode refletir em contentamento, desejo de se encaixar ou um sentimento de falta de pertença, uma revolta e questionamentos, como os que eu senti ao me ver fora das revistas.

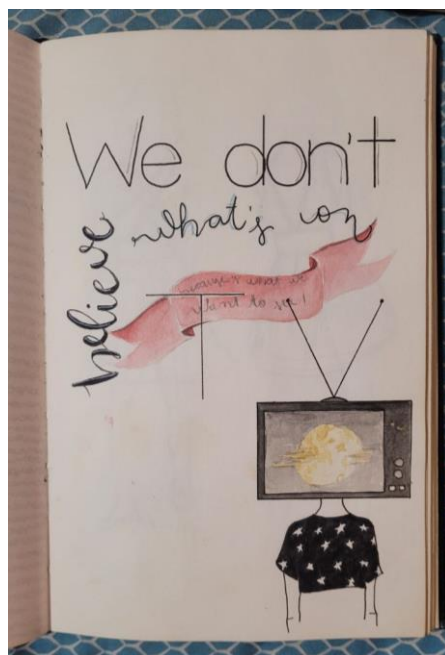


Figura 26 – Texto traduzido "nós não acreditamos no que está na TV" - Caderno 3 - 2017

Olhar e perceber que o processo da experiência é por excelência algo que exige que nós nos coloquemos em um lugar de vulnerabilidade e de risco, nem sempre nos sentiremos confortáveis com o processo de quebra e com a construção de sentido para a imagem corporal de nós mesmos, assim, pensando ser mais cômodo estar mais apegado a informação. Contudo, ao nos depararmos com o abismo que é este movimento de observar a si mesmo, para atenuar as angústias das rupturas podemos e, devemos exercitar a sensibilização do olhar.

6.1 GENTILEZA E SENSIBILIDADE

*Você não sente nem vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer*

Velha roupa colorida – Elis Regina

Se estamos falando de um corpo que já não se vê representado, percebe que a sociedade não o coloca no centro dos padrões estéticos coletivos e precisa se significar dentro dessa mesma sociedade que o coloca como errado, em quais condições encontramos esse corpo? “O preço de destruir a merda toda que nos constrange é demorar tempo demais até notar que a explosão também te deixa destruída.” (MOMBAÇA, 2021, p.33)

Eu, enquanto constituída como uma mulher, preta, gorda e bissexual, ao atravessar cada um desses momentos, me senti desamparada ao ter que me reencontrar dentro do significado do mundo e perceber que dentro da grande vastidão da minha comunidade, meu corpo não encontrava espaços e, “aquilo que não tem espaço está em todo lugar” como Mombaça (2020) diria.

Se eu não tenho espaço, quais espaços então eu ocupo? Quais terrenos meu corpo percorre? E como justificar a minha inexistência se todos os dias eu existo, trabalho, estudo, produzo? Madalena F. Welffort também questionou

sobre ao perguntar “Por que só através do olhar do outro eu pude ver o visível? Será que só a palavra explicativa pode trazer novas maneiras de olhar?” (ANO AQUI, p.8).

Eu só me descobri negra no contato com outras pessoas negras, eu apenas me vi enquanto uma pessoa gorda quando me falaram sobre as minhas dobras de pele e apenas me dei conta que a heteronormatividade não era para mim quando meus afetos trombaram com outras histórias de amor. Observar as situações exteriores ao meu próprio pensamento exercita o que Weffort (1996) diz ser o sensível olhar-pensante e, afirma que “O ato de observar envolve todos os instrumentos: a reflexão, a avaliação e o planejamento; pois todos se inter cruzam no processo dialético de pensar a realidade.” (p. 3) e, esta categoria mais gentil “procura formas de olhar. Procura no próprio objeto a forma de compreender. Percebe as diferenças o que já conhece. E faz relações.” (p.9)

Assim, observar com gentileza para o movimento de estilhaçamento e identificar naqueles que também foram quebrados e, ter a sensibilidade de retomar a experiência faz com que o criemos consciência que o mundo desperta ecos em nossos corpos e suscitam riscos e quando registrados em forma de arte “[...] provocam um novo olhar naquele que olha esta produção, seja também quem for.” (WEFFORT, 1996, p14)

A partir desta compreensão de que não estamos isolados no mundo e que nossas experiências são significativas tanto individualmente, quanto coletivamente na identificação entre semelhante, a defesa de que o olhar-pensante precisa ser posto na escola vem no trecho que diz que o “educador ensina o sensível-olhar pensante. Olhar sensível e que é portanto afetivo. Olhar que pensa, reflete, interpreta, avalia.” (1996, p. 9)

Assim, compreender meu papel enquanto aluna e educadora como um lugar de observar e escutar é assumir um compromisso de me descobrir a cada dia, continuar estruturando minhas versões até que elas não me caibam mais, como uma roupa velha, e deixar isso registrado para outros que cruzarem este caminho.

É tão triste ter que vir
Coisa ruim pra nos unir
E nem assim agora
Mano, vamo embora a tempo
Viver é partir
Voltar e repartir (É isso)
Partir, voltar e repartir (É tudo pra ontem)
É tudo pra ontem - Emicida

7. VIVER É PARTIR, VOLTAR E REPARTIR

A partir do momento que iniciei essa jornada na Pedagogia, com o único intuito de sair dela, não imaginava que o caminho me transformaria em várias facetas. A percepção do meu corpo, estética, a relação com os outros e com a cidade são alguns dos exemplos que posso citar para não ser genérica ao falar que a pedagogia mudou a minha vida.

Ouvi certa vez de um professor ao reclamar da grande demanda de trabalhos e dizer que a UFSCar estava acabando com a minha vida, que sim, ela estava acabando, para me dar uma vida nova. Deveria ter levado mais a sério.

Ao retomar as leituras de algumas disciplinas para realizar este trabalho, fui incentivada a percorrer uma trilha que não só dialogava com a minha vivência, mas de outros corpos que cruzei neste espaço social e, mesmo sem a intenção, registrar os encontros em meus cadernos de desenho proporcionou um grande material de pesquisa.

Refletir a partir dos textos que aquele sentido de conexão que o desenho me proporcionou na infância não precisava ficar, e não poderia ficar, restrito apenas no passado colaborou no sentido que a graduação foi criando a partir deste trabalho. Precisamos, enquanto educadores em formação, aprender com os olhares sutis que a educação nos pede, na sensibilidade da conexão que a vivência nos oferece e, agregar sentido naquilo que nos cerca.

Nesse processo de agregar o mundo no próprio corpo a autoimagem se constrói e ganha um outro significado, interação com o outro vamos descobrindo quem somos enquanto pessoas e enquanto peças na montagem do coletivo. Saímos da invisibilidade e ganhamos local, cor e voz.

Sair da invisibilidade é arriscar, é apostar as fichas, é jogar seu corpo no mundo mesmo com toda a promessa da brutalidade das violências que o corpo está suscetível a sofrer, e olha que o mundo pode ser bem violento com quem ele quer. Mas, ao ter a arte de quem já saiu, de quem já viveu algo minimamente parecido com o que vamos encarar, nos sustentamos na promessa de que há vida após o trauma.

A escola, por ser um espaço importante dentro da construção social, pode amparar esta aposta de movimento, com o educador, aqui em formação, trabalhando sua gentileza pelo afeto.

Pensando nessa nova forma de me enxergar, que vou construindo paulatinamente, penso no futuro a ser formado, em que tipo de professora eu estou construindo agora e que quebra com a imagem da professora doce, meiga, pequena, delicada, branca e apaziguadora. Abrir caminhos não parece justo com o movimento que meu corpo faz, mas dizer que estou quebrando paredes, assim como outras referências que me mostraram a força para empurrar blocos, parece mais justo com que me proponho a fazer.

Percebo que nenhum movimento está terminado, e o próprio sentido de ver o corpo enquanto *construção* e *movimento* mostram a infinitude deste trabalho e das questões que o cercam, mas, sabendo que a jornada é longa nada mais justo do que riscar os caminhos que a Pedagogia pode trilhar comigo.



Figura 27 - pagina final do caderno 13 - 2023

REFERÊNCIAS

AHLERT, Alvorí. Corporeidade E Educação: O Corpo E Os Novos Paradigmas Da Complexidade. *Revista Iberoamericana de Educación*, [S. l.], v.56, n.1, p. 113-126, jan. 2011. Disponível em: . Acesso em 22 out.

ALVES, Érika Cristina Silva; MOREIRA, Wagner Wey. Corpo/corporeidade do negro. *Dialogia*, São Paulo, n. 38, p. 1-14, e20450, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/38.2021.20450>.

BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. *Hist. cienc. Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 547-554, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n2/19.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2024.

BASTOS, M. Miranda; RIBEIRO, M. A Carneiro. Frida Kahlo: Uma Vida. *Psicanálise; Barroco em Revista*, v.5, n. 2, p. 46–77, 2019 Disponível em: <<https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8860>>. Acesso em: 02 jan. 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira De Educação*, (19), 20–28. 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 02 jan. 2024.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf>. Acesso em 02 jan. 2024.

CAPRICHOS. Chegou o guia de beleza Capricho 2017: corre pra banca, miga! Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/beleza/chegou-o-guia-de-beleza-capricho-2017-corre-pra-banca-miga/>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

DOIN, Rafael Romeiro. O corpo, esse desconhecido. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13764>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança-vol. 2. Penso Editora, 2015.

FONSECA, R. Retrato e auto-retrato em Nikki S. Lee. Travessias, Cascavel, v.3, n.2, 2009. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3341>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. Política e Educação. São Paulo: Cortez, 1993, pp 79-80: 87-88

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. Temas emergentes em estudo do e no corpo no curso de pedagogia. **Contrapontos**, Itajaí, vol. 20, nº2, p 289-311., jul– dez 2020. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/ctp/v20n2/1984-7114-ctp-20-02-00289.pdf>>. Acesso 12 jan. 2024.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Cogobó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. O que não tem espaço está em todo lugar. IMS, 22 de out. de 2020. Disponível em:.. Acesso em: 20 out. 2023.

PROVIDÊNCIA, Francisco; Ilustrar: dar à luz ou trazer a luz? Ilustração como revelação exaltada da diferença, p. 33-40. São Paulo, 2015 Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/ilustrar-dar-luz-ou-trazer-a-luz-ilustrao-como-revelao-exaltada-da-diferena-18718>> Acesso em: 15 nov. 2023.

RAUEN, Roselene Maria; MOMOLI, Daniel Bruno. Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade. Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v.11, n.1, p.51–73, 2015. Disponível em:

<<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157>>.

Acesso em: 10 out. 2023.

SANTANA, Bianca. Quando me descobri negra. São Paulo: SESI-SP editora, 2015.

SOARES, Antonina M. Feitosa; SOBRINHO, José A. de C. Mendes. Autobiografia e formação docente: caminhos e perspectivas para prática reflexiva. Anais do VI Encontro de Pesquisa Em Educação da Universidade Federal do Piauí. O pensamento Pedagógico na contemporaneidade, GT 01 – Formação de professores, Teresina, dezembro/ 2010.

SOUZA, F. B. de.; VASCONCELOS, Q. A.; SCHMITH, R.. Os princípios estéticos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil: diálogos com a gramática da argila. **Olhar de Professor**. v. 24, p. 1–23, 2021. em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17620>>. Acesso em: 22 dez. 2023.

WEFFORT, Madalena Freire. Observação, registro e reflexão. Instrumentos metodológicos I. 2ª ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

ÀVUÁ; BLACK, Bruna; JOTA.PÊ. **Abrigo**. Dorsal Musik, 2022

ÀVUÁ; BLACK, Bruna; JOTA.PÊ. **Famoso amor**. Dorsal Musik, 2022.

AZEVEDO, Geraldo. **Dia Branco**. Universal Music, 1981.

BAIANOS, Novos. **Mistério do Planeta**. Som Livre, 1972.

CARTOLA. **Preciso me encontrar**. Universal Music, 1976.

EMICIDA; GIL, Gilberto. **É tudo pra ontem**. Sony Music Entertainment. 2020.

FIALHO, Letícia. **Maravilha Marginal**. 2018.

JALOO. **Say goodbye**. Elemess, 2019.

MAHMUNDI. **Sem medo**. Universal Music, 2020.

REGINA, Elis. Velha roupa colorida. Universal Music, 1976.

REIS, Rachel; ILLY. **Me veja**. Alá Comunicação e Cultura, 2021.

TUYO. **Maravilha**. BMG Rights Management, 2023.